**OS LIMITES EPISTEMOLÓGICOS DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

João Paulo Reis Braga[[1]](#footnote-1)

# Resumo

*Quais os limites epistemológicos das Ciências da Religião? A definição epistemológica dessa disciplina ainda é um desafio que suscita uma série de perguntas basilares, principalmente no que concerne ao desafio de interpretar a fé do outro – que não nos é própria. No estudo proposto, vamos analisar algumas dessas questões, objetivando compreender a história e a amplitude do campo epistemológico das Ciências da Religião. A análise apresentará distinções que foram estabelecidas entre ela e outras ciências, como a História Comparada e a Teologia, e levantará questões sobre a metodologia utilizada para a produção de conhecimento na disciplina. Os resultados apontam que o campo epistemológico das Ciências da Religião pode não ser passível de ter seus limites determinados a priori.*

**Palavras-chave:** Ciências da Religião, Hermenêutica Teológica, História, Epistemologia

# Introdução

 Quais os limites epistemológicos das Ciências da Religião? Essa é uma questão não muito simples de ser respondida. Vários estudos já demonstraram que a disciplina surge dentro de um contexto de resgate da história das religiões e foi desenvolvida por uma série de pensadores, que, em sua maior parte, pertenceram ao Círculo de Eranos, onde, segundo o teólogo Gilbraz Aragão (2012), “se desenvolveu uma hermenêutica simbólica do sentido”. Um desses pensadores, Mircea Eliade (1907-1986) através de um método comparativo estabeleceu como objeto de estudo: “o sagrado”, sendo definido pelo mesmo como aquilo que é diferente do profano (ELIADE, 1992).

Para Eliade, a partir do estabelecimento de uma definição do objeto e de uma reificação do fenômeno religioso, este deveria ser abordado por uma ciência que lhe seja própria, segundo ele: “a perspectiva da ciência geral das religiões é a que melhor pode integrar a documentação histórico-religiosa” produzida (ELIADE, 1986, p.119-120).

 Não obstante a este passo inicial dado por Eliade e por outros teóricos, uma série de questões foram e ainda são levantadas quando pensamos na natureza, nos processos e nos limites do conhecimento produzido nas Ciências da Religião. A definição epistemológica dessa disciplina é ainda um desafio que demanda uma série de perguntas basilares.

Em nosso estudo, vamos analisar algumas dessas questões, para compreender a formação e a amplitude do campo epistemológico das Ciências da Religião. A análise apresentará distinções que foram estabelecidas entre ela e outras ciências, como a História Comparada e a Hermenêutica Teológica, e levantará questões sobre a metodologia utilizada na produção de conhecimento da disciplina, objetivando vislumbra o atual quadro epistemológico das Ciências da Religião.

# A Relação Histórica das Ciências da Religião com a História Comparada

 Qual a importância da História Comparada na gênese das Ciências da Religião? De acordo com Frank Usarski (2013), o filósofo e escritor alemão Johann Gottfried Herder (1744-1803) foi o primeiro autor da era moderna a ressaltar a importância da análise histórica das religiões. E ainda que o conhecimento produzido nessas disciplinas não se restringisse unicamente a atividade historiográfica, os primeiros cursos, não teológicos, voltados para a análise especifica das religiões receberam nomes como “História das Religiões” (França, 1879) e “História Geral da Religião” (Suíça, 1873).

No entanto, após Friedrich Max Müller (1823-1900), professor da Universidade de Oxford, lançar seu livro “Chips from a German Workshop” (1867), e afirmar que o termo Ciências da Religião deveria ser reservado para uma disciplina autônoma própria, as primeiras disciplinas específicas de Ciências da Religião começaram a ser criadas, ainda que de forma relativamente lenta, pela dificuldade de definição de objeto próprio e pela influência das disciplinas teológicas e históricas já estabelecidas. Segundo Usarski (2013, p.145): “A força da Teologia e sua abertura para métodos estritamente históricos dificultaram também a institucionalização da Ciência da Religião na Alemanha, onde a primeira cátedra foi fundada em 1910 (Berlim)”.

Ocorre que as Ciências da Religião surgem no esteio de uma necessidade de se processar a grande quantidade de informações que emergem com o aumento gradativo do conhecimento sobre as diferentes religiões existentes no mundo, especialmente no século XIX com o avanço tecnológico dos meios de transporte, dos intercâmbios culturais e mercadológicos e da Linguística, que melhorava e ampliava o leque de obras religiosas traduzidas (incluindo a tradução dos hieróglifos, feitos especialmente por Jean-François Champollion, 1790-1832) . De acordo com o historiador e professor de Ciências da Religião Fernando Torres-Londono:

A disciplina, que no século XIX ficou consagrada como História das Religiões, mais do que fazer a história das religiões, praticasse um estudo analítico-comparativo em que se estudavam mitos e ritos das religiões, tendo como modelo estruturante a religião cristã (TORRES-LONDOÑO, 1992, p.125).

Essa gama de informações exigiu um novo olhar mais abrangente e menos cristológico, e essa nova forma de interpretação demandada não era fornecida por nenhuma outra disciplina até então. De acordo com Usarski (2013, p.140):

A originalidade desta oferta é epistemologicamente baseada em um matiz heurístico subjacente que norteia o trabalho de um cientista da religião. Na literatura especializada, tal matiz é tematizado em termos de um etos intelectual ou de escolas próprias de investigação. Em outras palavras, a diferença entre a Ciência da Religião e outras disciplinas engajadas no estudo das religiões se dá no sentido de uma determinada tradição da segunda ordem, isto é, uma visão coletiva das principais escolas de interpretação, métodos operacionais, herança de erudição e, sobretudo, uma memória vital compartilhada das maneiras mediante as quais todos esses fatores constitutivos são inter-relacionados. (...) Ao mesmo tempo, implica um acordo sobre a estrutura interna da disciplina no sentido de duas áreas complementares nas quais o trabalho diversificado da Ciência da Religião se encaixa. A definição no início do artigo alude a essa dupla estrutura da disciplina quando destaca estudos históricos e sistemáticos como tarefas da Ciência da Religião.

Contudo, Usarski destaca que ao cientista da religião cabe analisar e até contestar paradigmas estabelecidos dentro dos contextos históricos-religiosos. Sendo que, neste aspecto da pesquisa epistemológica, ele entende que o historiador encontrará mais dificuldade no contexto acadêmico da História Comparada das Religiões, do que deve encontrar um cientista da religião em sua disciplina:

Todos os exemplos mencionados não apenas comprovam a dinâmica contínua da história da Ciência da Religião em geral, mas sensibilizam também para a heterogeneidade cultural dos contextos em que a disciplina se articula e busca manter sua identidade. Essa busca torna-se particularmente delicada em situações em que uma determinada comunidade científica sente a necessidade de conciliar exigências disciplinares originalmente formuladas a partir do último quarto do século XIX por eruditos europeus com os princípios e o “estilo” da tradição intelectual nacional. Nesses casos, os respectivos cientistas da religião estão diante da tarefa de reinterpretar os padrões predominantes na discussão internacional (USARSKI, 2013, p.150).

 Nesse cenário, a necessidade de tirar o aspecto de simples comparação cristã nas análises que eram feitas no material coletado das outras religiões pode ter contribuído para o surgimento das Ciências da Religião. De acordo com Eliade (1986, p.119): “A perspectiva da ciência geral das religiões é a que melhor pode integrar a documentação histórico-religiosa”. Assim, ao fazer a distinção entre o sagrado e o profano, e observar os efeitos sociais dessa distinção, Eliade amplia a compreensão de como a religião está entranhada nas ações diárias de cada ser humano, na sua forma de pensar e agir, demonstrando a necessidade real de uma disciplina para analisar esse fenômeno.

# A Necessária Distinção da Hermenêutica Teológica

Na busca por uma epistemologia própria, também é preciso saber qual a relação das Ciências da Religião com a Hermenêutica Teológica? Como as duas se diferenciam? E como se correlacionam? Willian Paden (2001, p.119) descreve a Teologia como “a ciência que desenvolve a interpretação de mitos, ritos e símbolos das tradições de fé”. Entretanto, é preciso fazer uma distinção entre a Teologia e outras áreas do saber como a filosofia, nesse sentido, Faustino Teixeira aponta que muitas vezes a diferenciação se faz na forma de abordagem do objeto:

A teologia distingue-se igualmente das filosofias da religião e das outras produções das ciências humanas que tratam do “religioso”. A distinção com respeito à filosofia da religião refere-se ao objeto formal. O que confere pertinência ao saber teológico é a reflexão “à luz da fé”, enquanto que para o filósofo esta reflexão se dá “à luz da razão” (TEIXEIRA, 2001, p.81).

No caso das Ciências da Religião, a reflexão deve concentrar seu foco nos aspectos práticos do fenômeno religioso, sem, no entanto, ignorar a existência dos demais aspectos. O teólogo Hans Waldenfels afirma que:

As Ciências das Religiões têm a tarefa de pesquisar historicamente, apresentar compreensivamente e investigar sistematicamente a abundância das religiões que se formaram na história. Em contraposição à teologia e filosofia, ela se esforça para manter-se independente de vínculos normativos (WALDENFELDS, 1995, p. 16.).

 Não obstante, a Teologia quando comparada e analisada dentro do enfoque das Ciências da Religião, encontra inúmeros pontos de convergência e até mesmo suporte para suas reflexões. Isso ocorre porque não é a tarefa do cientista da religião confirmar ou refuta o que é analisado e apresentado dentro da hermenêutica teológica, mas entender como o fenômeno religioso em questão dever ser compreendido em seus contextos históricos, sociais e antropológicos. De acordo com o filósofo e teólogo Manoel Ribeiro:

As Ciências da Religião reverenciam seu tema de pesquisa de forma a não militar contra os seus aromas (suas imagens, seus proferimentos, suas instituições etc.), mas sim sob a meta de compreendê-los e de explicá-los num jogo de linguagem aberto a todos (RIBEIRO, 2015, p.90).

No entanto, para o professor Afonso Ligorio Soares, ainda que exista todo um esforço de separação das disciplinas, a simbiose entre Teologia e Ciências da Religião acontece e traz frutos bastante positivos no desenvolvimento de estudos de ambas as áreas do conhecimento. Segundo Soares, embora a relação possa ser em alguns momentos “tensa”, a colaboração entre Teologia e Ciências da religião é profícua, no sentido de que:

As ciências da religião oferecem às faculdades de teologia o mesmo que divulgam para o conjunto da comunidade científica, a saber, um conhecimento rigoroso que propicia ao teólogo um choque de realidade e uma erudição mais refinada que o beneficiará em suas reflexões sobre fé, revelação e dogma. Ademais, o estudo e o discernimento da pluralidade religiosa (religiões tradicionais, novos movimentos religiosos, modalidades de sincretismo etc.) arejam as ideias teológicas (de determinada religião) suscitando novas questões à reflexão crítica sobre a fé vivida pelas pessoas. (SOARES, 2007, p.14).

Sob outra perspectiva, podemos entender que a necessidade da hermenêutica teológica para o cientista da religião se dá na medida em que ele precisa compreender o fenômeno religioso levando em consideração o maior número de aspectos possíveis desse fenômeno, para isso, toda a gama de interpretações da hermenêutica teológica pode o auxiliar a chegar a conclusões mais assertivas em suas análises. E ainda ocorre que esse sistema é retroalimentado, já que o teólogo também colherá uma série de informações das Ciências da Religião que o ajudarão em sua hermenêutica.

# Qual o Método das Ciências da Religião?

Continuando nossa busca pelo delineamento epistemológico, após nossa análise distintiva das disciplinas relacionadas com o estudo do fenômeno religioso, é importante que nos debrucemos também sobre a questão do método científico utilizado na disciplina. Pois, assim como vimos anteriormente, o conceito de Ciências da Religião, apresentado ainda no século XIX, estabeleceu um ramo da ciência que terá como foco a relação entre o ser humano e o sagrado. E no que concerne a questão metodológica, de acordo com o professor Manuel Ribeiro de Moraes, as Ciências da Religião são formadas por um conjunto de conhecimentos e estudos interdisciplinares, em especial áreas das ciências humanas, que foram e continuam sendo sistematizados dentro das universidades, para ele:

As Ciências da Religião advêm de um momento importante, que é aquele quando as expressões humanas do sagrado são estudadas como temas de análises e compreensões teóricas no horizonte das Ciências Humanas – mas, nunca rejeitando a interdisciplinaridade e a cooperação científica, inclusive com as outras grandes áreas do conhecimento (RIBEIRO, 2015, p. 81).

Ribeiro destaca ainda que, desde as bases metodológicas lançadas por Immanuel Kant, a razão transcendental, as formas de entendimento e as intuições são as principais dimensões pela qual se chega ao conhecimento. Nesse sentido, aquilo que é transcendental, também está além da capacidade empírica da epistemologia científica, ainda que, possa ser acessível pela razão transcendental. Segundo Ribeiro:

As fundamentações últimas tanto da Filosofia quanto das ciências não têm sua causalidade em outra coisa senão nas próprias necessidades da razão transcendental. Assim, para Kant, a dimensão última não está ante rem (Platão) ou in re (Aristóteles), mas nas formas a priori do entendimento humano (post rem). Assim, a realidade de Deus não é objeto e preocupação da razão pura, e nem das ciências, pois este tema extrapola os limites e as necessidades da razão teórica (RIBEIRO, 2015, p.88).

Assim sendo, a disciplina Ciências da Religião deve dar ênfase em sua metodologia a fatores que vão além da experiência religiosa em si, no campo subjetivo do indivíduo. Cabe as Ciências da Religião uma visão ampliada do fenômeno religioso, levando em consideração o máximo de elementos possíveis em suas análises. De acordo com Gilbraz Aragão:

As Ciências da Religião, a pesquisa sistemática das religiões deve mostrar semelhanças e diferenças de fenômenos análogos sobre o sagrado em diversas religiões e apresentar a hermenêutica dos “textos” que se tornaram sagrados, em seus contextos históricos e culturais. As relações entre religião e suas condições contextuais são então aclaradas por distintas disciplinas (...) evocando uma referência clássica e outra contemporânea de autor que, em cada área do conhecimento, pode ser aproximado do nosso campo epistemológico (ARAGÃO, 2015, p.331).

# A Produção de Conhecimento Científico nas Ciências da Religião

Qual a forma de produzir conhecimento nas Ciências da Religião? Essa é outra pergunta fulcral no esforço de delineamento epistemológico da disciplina. Para responde-la, votemos as origens, quando na segunda parte do século XVIII, David Hume (1711-1776), um teórico cético escocês, publicou o resultado de alguns de seus estudos em um livro intitulado *História Natural da Religião* (1757)*,* e de acordo com Eduardo da Cruz (2004, p.25), nessa obra: “Hume faz uma seleção de textos de autores greco-romanos e de contemporâneos seus para atribuir à religião (e consequentemente as religiões) uma origem inteiramente humana”. Esse entendimento será adotado por praticamente todos os teóricos daí por diante. Segundo Usarski:

O ‘mentor’ precoce do estudo científico da religião mais frequentemente citado, porém, é David Hume devido a sua abordagem da religião dentro de um quadro referencial estritamente científico. Conforme a literatura especializada, Hume, não interessado na defesa, mas sim na explicação do seu objeto, fechou o círculo aberto por intelectuais anteriores e inaugurou uma tradição do tratamento racional da religião que, no âmbito da Filosofia, foi retomada por pensadores mais recentes, entre eles Jean-Jaques Rousseau, Immanuel Kant, Friedrich Schleiermacher, Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Arthur Schopenhauer (USARSKI, 2013, p.144).

 Usarski (2013, p.140) destaca ainda que atualmente existe um consenso na comunidade científica de que “investigação de elementos religiosos empiricamente acessíveis tem como único objetivo aprofundar e aperfeiçoar o conhecimento sobre os fatos da vida religiosa”. Assim sendo, ele defende que as Ciências da Religião não devem “instrumentalizar seus objetos em prol de uma apologia a uma determinada crença privilegiada pelo pesquisador”. Nesse sentido, segundo ele, o cientista da religião deve manter uma postura de “indiferença” ante ao objeto estudado, fazendo sua análise dentro de um campo epistemológico específico:

Trata-se de uma técnica de observação e descrição que na literatura especializada é frequentemente associada a termos como ‘ateísmo metodológico’ ou ‘agnosticismo metodológico’. Comprometido com este ideal, o cientista da religião exclui da sua agenda a questão da ‘última verdade’ e não se permite avaliar aspectos religiosos em comparação com as normas de outra religião ou com quaisquer outros critérios ideológicos (USARSKI, 2013, p.139).

Entretanto, Willian Paden (2001), seguindo uma ideia anteriormente lançada por Eliade, vai defender de forma sintética que a fenomenologia da religião deve analisar as manifestações religiosas em seu próprio contexto, levando em consideração o seu sentido, a sua coerência estrutural, e a sua dinâmica. Assim, Paden afirma que:

O fenomenólogo deve, portanto, transitar cuidadosamente entre dois obstáculos ou pistas falsas: não generalizar a partir da especificidade de sentido do seu objeto de compreensão, nem ficar no fenômeno na sua exterioridade sem aprofundar-se na sua intenção originária e atual. É preciso entrar em sintonia com esta intenção originária na tentativa de compreender a linguagem da experiência religiosa. Um princípio essencial é que o transcendente, núcleo de tal experiência, não é captado pelo fenomenólogo, mas pelo ‘homo religiosus’ (PADEN, 2001, p. 117).

Diante do que foi apresentado, podemos entender que o primeiro passo que o cientista da religião deve dar na escolha dos procedimentos metodológicos que vai utilizar para produzir conhecimento é manter a devida distância do objeto, fazendo uma análise do que se apresenta em si, e não do que ele deseja encontrar, sem, contudo, querer atingir a total imparcialidade diante do problema – objetivo ou discurso utópico de muitos pesquisadores. A partir dessa postura, o cientista poderá adotar os passos seguinte: como a identificação e a escolha do problema, os métodos de coleta de material – que dependeram do tipo de pesquisa – e escolher o campo epistemológico adequado para sua análise, descrição dos resultados e conclusões.

# Considerações sobre o Campo Epistemológico das Ciências da Religião

Alcançando a questão central de nosso estudo, é preciso lembrar aquilo que afirmou Eduardo da Cruz sobre os esforços de Eliade para demonstrar o caráter *sui generis* da Ciências da Religião – que eles ocorreram como forma de se insurgir contra o reducionismo cristão caraterístico da História Comparada das Religiões do século XIX. Segundo Eliade: “se esta (a religião) é irredutível, deve ser estudada em seus próprios termos” (ELIADE apud CRUZ, 2013, p.41). Para Cruz (2013, p. 69) a Ciência da Religião tem seu caráter *sui generis*, no sentido que é uma disciplina que aborda o objeto “a partir de sua própria perspectiva (...) sem negar um caráter teórico as outras, é a ela (a Ciência da Religião) que cabe a tarefa teórica por excelência – fazer considerações gerais sobre o comportamento religioso do homem”.

Não obstante, Cruz observa que houve uma mudança na compreensão da religião como objeto desde sua origem na História Comparada, segundo ele, o contrato epistemológico aparentemente sai do plano metafísico e passa a se consolidar quase que exclusivamente no plano material, nos efeitos práticos da religião:

Por mais de dois séculos, procedeu-se um “giro subjetivante” na maneira como o objeto da Ciência da Religião é entendido: de “religião” como algo que nos vem de modo objetivo do domínio “sobrenatural”, toma-se a “experiência religiosa”, mais mundana e empiricamente acessível, como objeto próprio da ciência. (...) Para dar um exemplo simples, não basta ao cientista da religião dizer algo do tipo “os cristãos consideram que Jesus Cristo é Filho de Deus” como parte da realidade cultural, e tirar consequências daí, mas precisa enfrentar continuamente a afirmação dos cristãos de que “Jesus Cristo é Filho de Deus”, como parte da realidade objetiva do mundo (CRUZ, 2013, p. 42-44).

Dessa forma, ao refletirmos sobre um delineamento epistemológico para o campo das Ciências da Religião, é preciso levar em consideração que, logicamente, sociólogos como Marx, Durkheim, Weber, Simmel, Berger, e etc... além de antropólogos como Malinowski, Mauss, Evans-Pritchard, Lévi-Strauss, entre outros, contribuíram de forma fulcral para a estruturação da disciplina e seu campo epistemológico, entretanto, pensadores como William Paden (2001) observam que, a além das abordagens históricas, teológicas, sociológicas e antropológicas, a religião também pode ser estudada e compreendida por diversas outras áreas do saber, como por exemplo: a Filosofia, a Linguística e a Psicologia.

No mesmo sentido apontado por Paden, Cruz também traz um levantamento interessante, onde, segundo ele, a maior parte das atuais teorias contemporâneas da religião está voltada para promover uma ligação entre às ciências naturais e as Ciências da Religião, estudando o fenômeno religioso sobe a perspectiva de ciências como: “Arqueologia, Psicologia Cognitiva, Neurociências e Coevolução Biocultural” (CRUZ, 2013, p.46).

# Consideração Finais

É inegável que a disciplina Ciências da Religião tem um passado atrelado a História Comparada das Religiões e que muitos aspectos desta e de outras disciplinas das ciências humanas, como a Antropologia e a Sociologia, foram fundamentais na constituição da área especifica do conhecimento que temos hoje.

No entanto, diante de tudo que vimos, podemos perceber que atualmente o campo epistemológico das Ciências da Religião deve ser ainda mais amplo do que foi no passado, e que hoje ele precisa contemplar um vasto número de “ciências”, humanas e naturais, pois, cada vez mais, os estudiosos constatam que a religião pode ter partes de seus aspectos compreendidos por todas as ciências já citadas no decorrer deste artigo, e ainda por outras, como: Física, Cosmologia, Astronomia, Matemática, Geografia, Lógica, Geologia, Física Quântica, Biologia, Genética e etc.

Por fim, esse nosso breve estudo indica que o campo epistemológico das Ciências da Religião não pode ter, a priori, limites pré-estabelecidos, rígidos e imutáveis. Pois, o fenômeno religioso é um aspecto da condição humana tão extraordinariamente multifacetado que exige da mesma forma uma miríade de olhares sobre si, de forma a poder se apresentar de uma maneira mais clara e ser melhor compreendido por nossas limitadas capacidades de entendimento.

# Referência:

ARAGÃO, Gilbraz. **Encruzilhada Dos Estudos De Religião No Brasil**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP, v. 5, n. 1, p. 319-337, 2015.

CRUZ, Eduardo Rodrigues. **A persistência dos deuses:** religião, cultura e natureza. SciELO-Editora UNESP, 2004.

CRUZ, Eduardo R. **Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião.**Ciberteologia: Revista de Religião e Cultura, p. 67-80, 2013.

ELIADE, Mircea. **Observaciones metodológicas sobre el estudio del simbolismo religioso**. Barcelona: Paidos, 1986.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**; tradução José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

PADEN, W.E. **Interpretando o sagrado:** modos de conceber a religião. Paulinas, 2001.

RIBEIRO DE MORAES JUNIOR, Manoel. **A dimensão teórica das Ciências da Religião. Uma discussão preliminar.** REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 15, n. 2, 2015.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. **A teologia em diálogo com a ciência da religião.** O espectro disciplinar da ciência da religião. São Paulo: Paulinas, p. 281-306, 2007.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. **História das Religiões:** breve panorama histórico e situação atual no Brasil. CiberTeologia. Revista de Teologia e Cultura, ano X, n.47, 1992.

TEIXEIRA, Faustino. **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001.

USARSKI, Frank. **História da ciência da religião**. Ciberteologia: Revista de Religião e Cultura, p. 139-150, 2013.

WALDENFELS, Hans. **Léxico das religiões**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

1. Mestrando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (Brasil). Email: jpreisbraga@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva. – Financiamento: CAPES/PROSUC. [↑](#footnote-ref-1)